

Cerimónia de Abertura do Ano Académico de 2010/2011

António Sampaio da Nóvoa
Reitor da Universidade de Lisboa

11 de Outubro de 2010

É uma honra ter a presença de Sua Excelência o Presidente da República nesta Cerimónia em que celebramos a liberdade e o futuro, em que distinguimos três personalidades excepcionais da nossa liberdade e, centenários, nos abrimos ao futuro.

Agradeço a presença de tantos convidados, nesta Aula Magna, pedindo desculpa de não os nomear a todos, como seria minha obrigação, desde os presidentes dos supremos tribunais aos membros do Governo e da Assembleia da República, passando pelas autoridades civis, militares e religiosas e pelos representantes de instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras.

Desejo que todos se sintam distinguidos neste cumprimento amigo que vos transmito em nome da Universidade.

Todavia, há duas saudações que não posso deixar de dirigir, até porque elas são parte daquilo que hoje nos reúne.

A primeira para agradecer à Câmara Municipal de Lisboa, nas pessoas do seu Presidente e do vereador Sá Fernandes, o Protocolo que acabámos de assinar para a transformação do Caleidoscópico e zonas envolventes do jardim do Campo Grande num espaço académico de estudo, de convívio e de cultura, aberto a todos os estudantes de Lisboa. A Universidade é a cidade, e este é um passo importante para reforçar a vocação de Lisboa como grande cidade universitária da Europa.

A segunda saudação vai inteira para a Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, anseio de várias gerações, que finalmente se concretizou. Agradeço ao seu Presidente, Dr. Guilherme de Oliveira Martins, e à sua Vice-presidente, Dr.^a Maria de Jesus Barroso, todo o trabalho e dedicação. Manter uma ligação pela vida fora com as pessoas que aqui se formaram é da maior importância, é mesmo decisivo, para a Universidade.

O que verdadeiramente conta são sempre as pessoas. A semana passada abateu-se sobre esta casa uma tragédia, para a qual nunca estaremos preparados. Na sequência de um lamentável acidente, daqueles que não podem acontecer, faleceu um dos nossos trabalhadores, o Carlos Nascimento. Diligente, pronto na ajuda e na entreatajuda, o Carlos está connosco e connosco continuará.

De repente, num instante, tudo parece desabar, e a fragilidade das instituições, que é também a fragilidade do país e das pessoas, vem ao de cima. Como transformar em força esta fraqueza? Como construir instituições mais fortes e, com elas, erguer um país mais justo e mais solidário?

Neste tempo histórico, que ainda é o de Abril, quero chamar três vezes pela Liberdade.

» Chamo, em primeiro lugar, pela liberdade universitária.

Não estou preocupado com prerrogativas, nem regalias, nem privilégios. Sejam eles corporativos ou outros. Sejam eles quais forem. Nada me interessa a não ser o nosso futuro colectivo. Para sairmos de uma situação que nos aflige, precisamos de universidades que mobilizem a inteligência do país.

Devemos fixar objectivos claros no quadro de uma responsabilidade que é pública. Devemos estabelecer, com o Governo, os recursos mínimos que o país nos pode atribuir (*o contrato de confiança que, desde 2006, tenho vindo a reclamar, e que este ano foi assinado, é um bom princípio*). Devemos definir processos rigorosos de avaliação.

E depois? E depois deixar que as instituições respirem, que actuem com liberdade e criatividade, sem a dependência de poderes políticos ou económicos, sem interferências diárias na sua vida e no seu funcionamento. Vivemos enredados numa teia de leis e contra-leis, de despachos normativos e desnormativos, que ninguém sabe se se aplicam ou não às universidades, numa teia de regulamentações de sinal contrário, que se atropelam umas às outras, desgastando as nossas energias e bloqueando as instituições.

O “orçamento de base zero” há muito que é aplicado às universidades. A verba que anualmente nos é atribuída depende de uma fórmula calculada de acordo com a justificação concreta de cada um dos nossos programas. Nem mais um cêntimo.

E, ao longo dos anos, nenhuma universidade gastou mais do que esta verba. Podemos dizer, com orgulho, como na semana passada recordou o Presidente do nosso Conselho Geral, Dr. Henrique Granadeiro, que cumprimos o nosso dever. Fizemos mais com menos.

Temos mais estudantes, mais pós-graduações, mais e melhor investigação científica. Sabemos o que queremos. Não nos falta vontade, nem ambição, nem pessoas qualificadas. Falta-nos um quadro claro de compromissos e responsabilidades, que nos permita agir com criatividade e com liberdade.

» **Chamo, em segundo lugar, pela liberdade das pessoas.**

Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar (Sophia de Mello Breyner).

Não podemos ignorar que há hoje um sentimento de mal-estar e de desencanto em muitos professores universitários. E que são várias as razões que a tal conduzem.

O envelhecimento do corpo docente com consequências graves na renovação da universidade. A precarização do emprego dos mais jovens que, de bolsa em bolsa, entram pela meia idade sem expectativas de uma carreira académica. A mercadorização do mundo universitário e a burocratização do nosso dia-a-dia, consumido por tarefas e actividades sem fim e, tantas vezes, sem sentido.

A avaliação é indispensável. A prestação de contas, também. Mas há hoje camadas sucessivas de controlos (burocráticos, administrativos, avaliativos, inspectivos...) que nos sufocam e nos privam do bem mais precioso de que um universitário pode dispor: o tempo.

Cada uma destas camadas, por si só, tem a sua própria justificação, tem a sua própria razão de ser. E nenhum de nós se atreveria a dizer que ela não é necessária. Mas, tomadas em conjunto, arrastam-nos para uma correria permanente, para uma vida de burocracias, reuniões e tarefas mil, com cada vez mais trabalho e cada vez menos tempo para o nosso magistério.

Chegou a hora de, colectivamente, recriarmos as condições de uma vida académica que liberte a reflexão intelectual e o pensamento crítico, que permita a cada um dar o seu melhor, o melhor de si mesmo, em prol da formação dos jovens e da transformação do país. É preciso que os universitários estejam à altura das suas responsabilidades. Quando tantas instituições falharam, não podem falhar as universidades.

» **O terceiro registo da liberdade chama-se futuro.**

O nosso perigoso legado ambiental, o envelhecimento da população e a inversão da pirâmide de idades, fenómenos hoje agravados pela irresponsabilidade dos mercados (*parece que é assim que se diz, no plural, “os mercados”*), estas realidades colocam um peso imenso nos ombros das novas gerações.

Nada se resolverá se não dermos um horizonte de futuro aos jovens. É o nosso dever. É a nossa obrigação. A austeridade não é um modo de vida. É uma necessidade, certamente, mas que se torna inútil, e estéril, sem um programa de futuro.

A lamúria não é um caminho. É um beco sem saída.

O que se aprende numa universidade, o que aqui se vive, define muito do que somos e do que seremos. Temos o dever de contagiar os jovens (*porque ninguém educa ninguém na descrença ou na desesperança*), de os conquistar, como se escreve no Decreto de criação da Universidade, em 1911, “para a transformação e desenvolvimento da cultura nacional, no sentido moderno, e para a organização científica da vida económica do país”, de os conquistar para uma sociedade democrática.

Há soluções? Claro que há soluções.

Precisamos de uma vida nova, baseada no conhecimento e na formação das pessoas, na ciência e na cultura, e na sua difusão no tecido social.

Precisamos de alterar as nossas prioridades, substituir o frenesim da competição e do consumo por novas formas de convivialidade e de solidariedade, de participação no espaço público.

Precisamos de proteger a nossa matéria-prima mais valiosa, a língua portuguesa, e através dela alargar a nossa presença nas redes de cultura e de criação.

Precisamos de repensar o lugar estratégico de Portugal no mundo, porque o mar é a nossa pátria, e, europeus que somos, não podemos ficar reféns de uma Europa que parece querer deixar-nos na sua periferia.

Neste momento difícil, sobretudo neste momento, quero dizer-vos como estou grato a este país por me ter dado Abril (e a liberdade), por me ter dado a oportunidade de servir a Universidade e, através dela, a causa pública.

A vida só se dá para quem se deu (Vinicius de Moraes). Nesta Universidade temos procurado dar-nos ao país. O que nos honra não são os feitos próprios, mas sim os feitos daqueles que aqui estudaram e aqui se formaram para a vida.

Gostaria de ser a voz de tantos e tantos que se deram à Universidade – de Vitorino Nemésio a Egas Moniz, de Orlando Ribeiro a Pinto Peixoto, de Celestino da Costa a Seomara da Costa Pinto, de Isabel Magalhães Colaço a Lindley Cintra, de Sebastião e Silva a Sousa Franco, de Virgínia Rau a Carlos Almaça, a Rogério Fernandes –, gostaria de ter em mim todas as vozes da Universidade para manifestar às três personalidades que hoje homenageamos a nossa gratidão e o nosso reconhecimento.

O gesto que aqui nos reúne é o mais simples de todos e, por isso mesmo, o mais necessário: celebrar a Liberdade, essa madrugada que esperávamos e que surgiu, inteira e limpa, fazendo-nos emergir da noite e do silêncio, permitindo-nos que, livres, habitássemos a substância do tempo (Sophia de Mello Breyner).

O gesto que aqui nos reúne é o mais simples de todos e, por isso mesmo, o mais necessário: é o gesto da afirmação da Universidade como lugar da Liberdade e do Futuro. Porque como bem recordou Bernardino Machado, em programa que fazemos nosso: “Uma universidade é escola de tudo, mas sobretudo de liberdade”.